

Quando o educador é um mediador

Aquele que intencionalmente busca a reciprocidade, o ensino significativo e favorece a transcendência do conhecimento é um *mediador*. Educar é uma tarefa que nos exige não apenas conhecimento, mas também o olhar criterioso, a postura de alteridade, a escuta afetiva e, principalmente, a crença real na modificabilidade da mente, como resultado da plasticidade cerebral. A proposta sociointeracionista de Vygotsky traz como máxima a ideia de que aprendemos com os iguais e crescemos com os diferentes; Feuerstein, em sua teoria sobre a modificabilidade cognitiva estrutural, enfatiza a necessidade de cremos na máxima de que todo ser humano é modificável. Esta reflexão sobre nossa prática educativa pauta-se na ideia de que, quando desacreditamos da capacidade de aprender dos indivíduos, independentemente de como eles são, estamos desacreditando de nossa capacidade de ensinar.

Ser *ponte* - função precípua do educador que pretende mediatizar a aprendizagem de seus alunos - exige-nos o compromisso de ver esses alunos através de espelhos, em que o seu reflexo seja a nossa imagem e semelhança. Viabilizar travessias, acolher e incluir cada um exige o repensar sobre o planejamento, o currículo a ser desenvolvido e, principalmente, sobre a metodologia de trabalho. O educador-mediador, além de ter um olhar atento, deve analisar as causas e diferenças de aprendizagem de seus alunos, mas sem julgar ou condenar; não deve se fixar às condições iniciais do aprendiz, pois, como bem disse Mario Quintana, “os ventos andorilhos passam e dizem: Vamos caminhar!” Assim, o aluno que se apresenta em dissonância com o grupo está pedindo: não me aceite só como sou, mas vislumbre o que posso ser.

Mediar a aprendizagem crendo na modificabilidade do indivíduo exige-nos a intencionalidade planejada de trabalho, pois os alunos têm diferentes formas de aprender e devemos trabalhar na intenção de combater a síndrome da privação cultural. O processo de mediação não é via de mão única, é definido pela compreensão da relação dinâmica entre homem/sociedade. Desse modo, mesmo presenteado com um ambiente culturalmente vantajoso, o aprendiz pode sofrer de privação cultural, e isso se dá a partir do momento em que não se apropria dos conhecimentos construídos socialmente.

Este artigo tem a pretensão de levar-nos a refletir sobre a máxima de que, como educadores/mediadores da cultura da humanidade, devemos construir pontes, levar nossos alunos a transpô-las e, depois, derrubá-las, para que eles mesmos possam construir suas próprias pontes e ganhar novos espaços. Quando o educador é mediador, é assim que ele trabalha! ■



Cláudia Rodrigues

Educadora, orientadora educacional, pedagoga com especialização em Psicopedagogia e mestranda em Educação
callrodrigues@yahoo.com.br